



Penso, Logo Existo: Entendimento das Categorias Universais de Peirce

Jeferson Lima BARBOSA¹

Maria Alice Andrade de Souza DESCARDECI²
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

Este artigo fornece uma interpretação para as Categorias Universais de Peirce a partir da proposição “Penso, logo existo”, enunciada por Descartes no século XVII. Conseqüentemente, aproxima, apenas em determinado aspecto, as ideias desses dois filósofos do pensamento. A relevância desse esforço existe no campo de estudos da comunicação, uma vez que, sobretudo, este artigo trata da representação. Esta abordagem, porém, não é introdutória. Exige, então, conhecimento breve da teoria semiótica. O artigo coopera no processo de compreensão dos estudos da semiótica e/ou do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Conhecimento; Peirce; Descartes; Representação

1. Introdução

Semiótica é a “ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura” (NÖTH, 2008, p. 17). Ela tornou-se necessária para compreender a intensa proliferação dos signos que caracteriza a realidade social deste século. A complexidade da Semiótica pode ser destramada minuciosamente para facilitar o entendimento dos conceitos que a compõem.

1.1 A Necessidade de Estudar os Signos

Nos séculos recentes, a representação assumiu importância capital para a sociedade. O reconhecimento desse fenômeno despertou o interesse de compreender o processo de cognição e produção de sentido (significação). Charles Sanders Peirce, filósofo do século XIX, empreendeu o trabalho de esquadrihar esses processos e, por conseguinte, elaborou uma teoria que é capaz de explicar o fenômeno da significação. Todavia, observa-se que o estudo desse fenômeno parte da filosofia greco-romana antiga, o que possibilita concluir que a necessidade de entendê-lo surgiu desde cedo, sem conexão original, portanto, com o atual estágio e avanço das novas tecnologias de

¹ Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFT, campus de Palmas, email: jbarbosa.academico@gmail.com

² Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFT, campus de Palmas, email: alice@uft.edu.br



comunicação. É inegável, porém, que essas novas tecnologias de comunicação atribuem aos signos evidência tão perceptível que nos inclina à reflexão sobre eles. Para satisfazer a necessidade de compreender o processo de significação, que dá origem e sentido aos signos, a Semiótica se caracteriza como ciência oportuna.

Consideramos, aqui, que o entendimento das ideias próprias da Semiótica não é tão fácil de ser alcançado, pois ela é uma ciência que envolve diversos conceitos que são interdependentes e, por isso, compõem uma complexa rede de relações. No intuito de facilitar o entendimento da teoria semiótica, nos dispomos para interpretar alguns dos fundamentos da teoria geral dos signos desenvolvida por Peirce. Os fundamentos sobre os quais empreenderemos esse esforço constituem as Categorias Universais de Peirce. Para facilitar a compreensão dos conceitos dessas categorias, estabelecemos algumas relações com a proposição “Penso, logo existo”, inaugurada por René Descartes e que se tornou popular nos séculos seguintes ao XVII, quando a expressão foi publicada. Esse exercício resulta, portanto, em uma interpretação da proposição cartesiana ao passo que fornece recursos que podem facilitar o entendimento da semiótica de Peirce.

Podemos deduzir, afinal, que a unidade de propósito deste texto é de servir como material didático, ou seja, material que se caracteriza pelo objetivo de interpretar e esclarecer, nesse caso, a teoria semiótica de Peirce.

1.2 Relação da proposição cartesiana com a Semiótica

“Penso, logo existo” é uma expressão que foi utilizada por René Descartes em 1637 (ARANHA; MARTINS, 2002). É possível interpretar essa ideia numa perspectiva semiótica a partir de Peirce. Para tanto, é imprescindível conhecer a visão pansemiótica de mundo deste filósofo; entender os conceitos das Categorias Universais desenvolvidas por ele e, por fim, reconhecer a natureza das relações entre essas categorias.

2. “Penso, Logo Existo”

René Descartes nasceu em 1596 e morreu em 1650, foi, portanto, um filósofo do século XVII. Ele estudou assuntos relacionados ao conhecimento e, em consequência do seu esforço, contribuiu para a formação da corrente epistemológica conhecida como Racionalismo – a qual considera que a mente humana é o único instrumento capaz de chegar à verdade das coisas. Esse paradigma valoriza a matemática em razão da lógica



que lhe é inerente. Em acréscimo, crê que a experiência sensorial é fonte de erros e de confusão (HESSEN, 2003).

O filósofo, tido como pai da filosofia moderna, considerou a dúvida um método para chegar à verdade mais elementar. Ele acreditava que a verdade genuína não poderia ser posta em dúvida. Esse raciocínio deu resultado a uma série de dúvidas. Em determinado momento, o filósofo questionou a si próprio e, então, passou a duvidar da própria existência. A trama foi resolvida quando Descartes observou que podia duvidar de qualquer coisa, exceto do fato de que estava duvidando. Assim, a dúvida indicava a existência de um sujeito capaz de duvidar. Ou seja, depreendeu-se que a dúvida requeria a existência de alguém que podia efetivá-la. Diante disso, Descartes notou que a dúvida e o engano são atividades que se efetuam na mente, o que significou que toda vez que o sujeito pensa, seja por meio da dúvida ou do reconhecimento de um engano, ele constata sua existência (ARANHA; MARTINS, 2002).

É imprescindível compreender, portanto, que a proposição “Penso, logo existo” surgiu na corrente epistemológica desenvolvida por Descartes e, nesse sentido, se inscreve entre os conceitos de cognição e de existência. A expressão, claramente silogística, estabelece que pensar é existir ou, se alterarmos a ordem, indica que a existência está ligada, em uma relação de interdependência, ao pensamento.

Esse exercício de inversão desperta uma tese que pode ser discutida numa perspectiva semiótica a partir de Peirce. A realização dessa discussão aborda, de modo geral, a constituição do homem enquanto sujeito no mundo. Nesse sentido, atribui à consciência da mente o papel do homem de se reconhecer como ser existente.

3. Categorias Universais do Pensamento

Peirce (1839-1914) estudou os signos e a significação, sendo considerado “o mais importante dos fundadores da moderna semiótica geral” (NÖTH, 2008, p. 60). Produziu mais de 70.000 manuscritos, dos quais irrompe sua definição e classificação dos signos. (NETTO, 2007)

Um dos fundamentos da teoria elaborada por Peirce consiste nas Categorias Universais³ que ele reconheceu a partir dos fenômenos que estudou. Essas categorias

³ Não apenas Peirce perseguiu o projeto de reconhecer categorias capazes de classificar todos os fenômenos da natureza. “Filósofos, desde Aristóteles, têm perseguido o projeto ambicioso de encontrar um número limitado de categorias que servisse de modelo capaz de conter a multiplicidade de fenômenos do mundo” (NÖTH, 2008, p. 63).



são proprietárias de elevado rigor científico e lógico, o que atribui grande importância às relações que as categorias estabelecem entre si. A compreensão dessas relações nos permite entender a natureza da conexão que um evento estabelece com o outro na realidade. Enxerga-se, portanto, o potencial dessa teoria em revelar a natureza da relação entre pensamento e existência sugerida pela proposição de Descartes.

3.1 Visão Pansemiótica de Mundo

Os estudos de Peirce o levaram à conclusão de que tudo no mundo é signo. Portanto, tudo pode ser significado por qualquer mente. O verbo *poder*, presente no período anterior, deve chamar atenção. Ele indica que não é necessário ou obrigatório que alguma coisa signifique para ser signo. É signo qualquer coisa que tem o poder de significar, embora não tenha efetivado esse poder (SANTAELLA, 2007).

Porém, mais importante que essa particularidade conceitual sobre o signo, é observar como Peirce enxergou o mundo:

O homem denota qualquer objeto de sua atenção num momento dado. Conota o que conhece ou sente sobre o objeto e é também, a encarnação desta forma ou espécie inteligível; o seu interpretante é a memória futura dessa cognição, o seu “eu” futuro ou uma outra pessoa à qual se dirige, ou uma frase que escreve, ou um filho que tem (PEIRCE, Collected Papers 7.591 apud NÖTH, 2008)

Para os propósitos desta seção, é necessário reconhecer nesse excerto três coisas: o homem, o objeto e a interpretação (indefinida, mas que o homem *faz* do objeto). Também é imprescindível identificar dois momentos: um presente e seu futuro; e um futuro e seu passado.

No presente, o homem, frente a um objeto, conhece, nessa interação, algo sobre o objeto que ele desconhecia. Peirce considera que neste momento⁴, o homem não apenas significa o objeto, ele se transforma em um sujeito que contém aquela significação e que, por suas faculdades, é capaz de dar, dessa vez, num momento futuro, corpo ao que conheceu sobre o objeto. Isso se efetiva em um gesto, numa fala, num texto, etc. Nesse processo, o homem não é apenas um ser que interpreta, mas também, um signo do objeto que conhece.

⁴ O presente é quando o homem está frente a um objeto. O futuro desse momento é especulativo e diz respeito a quando o homem dá corpo, por meio de linguagem, ao significado consequente da interação homem-objeto.



Esse pensamento de Peirce tem uma consequência radical na sua visão de mundo. Peirce conclui que tudo é signo, ao notar que todo ser capaz de interpretar é também um signo, pois é a encarnação de uma interpretação efetuada.

3.2 O que são Categorias?

Apesar de ser uma denominação bastante popular, é profícuo atribuir, nesse documento, uma definição para Categoria – sabe-se que a familiaridade que temos com determinados conceitos, por vezes implicam alguns detalhes para os quais não nos atentamos. Portanto, considera-se Categoria qualquer unidade constituída por vários elementos. Esses elementos se interligam nessas categorias por meio de algum aspecto comum. Assim, uma Categoria é formada, primeiramente, por um conceito que se transforma em elo que liga diversos elementos⁵.

3.3 Quais são, então, os conceitos das Categorias Universais de Peirce?

Peirce reconheceu três categorias que ele acreditou serem Categorias Universais, pois todos os fenômenos poderiam se encaixar em uma delas. Ele as denominou, em uma tradução para a língua portuguesa: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

É possível notar, imediatamente, que as categorias fazem referência a uma sucessão tipicamente matemática⁶, iniciada por um elemento primeiro e finalizada por um terceiro elemento. Essa observação, muitas vezes ignorada, pode auxiliar na compreensão da complexidade que envolve essas três categorias. Enfim, as três categorias indicam uma sequência.

Primeiridade é, segundo Peirce, “o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer” (PEIRCE, apud NÖTH, 2008).

Secundidade ocorre quando determinado fenômeno é relacionado a outro fenômeno qualquer. Ela “nos aparece em fatos tais como o outro, a relação, compulsão, efeito, dependência, independência, negação, ocorrência, realidade, resultado” (PEIRCE, apud NÖTH, 2008).

Terceiridade é a categoria que relaciona um fenômeno de secundidade a um terceiro fenômeno. Ela “é a categoria da mediação, do hábito, da memória, da

⁵ As definições de conceitos familiares como o de Categoria são mais facilmente acessadas nos dicionários. Cf. HOUAISS, Antônio. HOUAISS, dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

⁶ As denominações são relativas aos números ordinais, os quais assinalam uma posição dentro de uma sequência ordenada.

continuidade, da síntese, da comunicação, da representação, da semiose e dos signos” (PEIRCE, apud NÖTH, 2008).

3.4 Outros conceitos para as Categorias Universais de Peirce

Para elucidar cada uma das categorias, Peirce aproximou-as de outros conceitos nos quais ele reconheceu o princípio definitivo de cada uma. Nessa elaboração, a Primeiridade está ligada ao conceito de Potencialidade. A mera possibilidade de alguma coisa existir está em conformidade com o princípio da Primeiridade que consiste em compreender qualquer coisa que é o que é somente em relação a si própria. A realidade, nesse sentido, não faz parte da Primeiridade, mas sim da Secundidade.

A realidade e a existência efetiva fazem parte da Secundidade. Os elementos de Secundidade são possibilidades que se materializaram. Nesse sentido, essa categoria compreende o conceito de existência – a qual, para Peirce, se define por meio de uma relação entre dois elementos. Um sujeito que existe, por exemplo, tem características limitadas pelas características de outro sujeito ou ser que existe. “Existir é, para a teoria peirciana, impor-se aos demais” (SILVEIRA, 2007, p. 42).

No que respeita à Terceiridade, Peirce reconheceu o princípio dela no conceito de generalidade. Nesse sentido, os elementos de Terceiridade não correspondem simplesmente à existência e à realidade, embora necessitem delas para se definirem. Os elementos de Terceiridade são capazes de superar os limites da Secundidade para indicar conceitos genéricos capazes de serem reconhecidos em diversas ocorrências.

3.5 Eis uma exemplificação

Primeiridade é a categoria que compreende qualquer coisa que é o que é em si mesma. Imaginemos uma letra qualquer. Este “A”, por exemplo. Para este “A” ser encaixado na categoria da Primeiridade, é necessário que levemos em consideração apenas o desenho dele. O desenho não precisa de nenhuma definição além do que está visível nele mesmo. Nesse sentido, o desenho de “A” faz parte da Primeiridade, pois é o que é em si mesmo, sem relação, portanto, com algo além de si próprio.

Secundidade encerra qualquer fenômeno cuja definição depende de outro fenômeno além dele. Um elemento de Secundidade é identificado quando comparamos ele com outra coisa. Continuemos com o exemplo da letra “A”. Podemos dizer que esta letra “A” é a mesma seguinte letra “A”? O que observamos imediatamente é que são



letras iguais. Porém, é necessário perceber que os dois elementos não se coincidem, ou seja, eles ocupam espaços diferentes e, no texto, fazem parte de tempos distintos. Essas são apenas algumas distinções que podemos fazer mais rapidamente. Porém, certamente, outras podem ser realizadas em exercícios contínuos. Essencial é perceber que os elementos de Secundidade podem ser reconhecidos apenas por meio da comparação e, portanto, do reconhecimento de uma relação.

Terceiridade é a categoria dos elementos que precisam de duas coisas diferentes para ter definição. Para os brasileiros, a letra “A” tem um significado próprio dentro do alfabeto, por exemplo. Assim, “A” é o que é por causa dos seus traços físicos e também porque é diferente de “a”, versão minúscula da letra. “A” compreende um significado normativo que determina sua pronúncia e significado. O mais essencial é reparar que, nesse caso, o elemento da Terceiridade está no meio da relação entre o traço próprio de “A” e na ocorrência deste mesmo em algum instante e espaço. Porém, para ser compreendido tal “A” depende de um terceiro elemento além do seu traço característico e da realidade efetivada.

A persistência nesse exercício de exemplificação em se manter sobre a letra “A” ocorre para expressar uma observação – a de que um só fenômeno pode, por seus aspectos específicos, se encaixar nas três categorias de Peirce. Ou seja, as categorias não são excludentes; elas não se enfrentam, mas sim, cooperam entre si.

4. Relação entre as Categorias

Sabe-se, então, que as próprias denominações das Categorias Universais de Peirce indicam uma sucessão. Essa observação por si só já faz referência a uma relação entre as categorias. Claro: um segundo não seria segundo sem um primeiro; igualmente, um terceiro não seria um terceiro sem um segundo e, conseqüentemente, sem um primeiro. Essa descrição expressa interdependência entre as categorias. Talvez o motivo para a dificuldade em compreender a Semiótica seja justamente essa interdependência entre as Categorias, pois, conforme se observa, a complexidade está logo no fundamento da Semiótica de Peirce.

Entretanto, essa complexidade serve para expressar o aspecto lógico da Semiótica de Peirce (NETTO, 2007). Os elementos de Secundidade são os que nos fornecem os referenciais necessários para identificarmos elementos de Primeiridade e de Terceiridade. É na realidade que os fenômenos se materializam e, portanto, se tornam



melhor distinguíveis. A distinção entre as categorias é possível porque cada uma delas compreende um conceito diferente. Entretanto, a distinção não nos permite concluir que os elementos das categorias podem ser separados uns dos outros. Na semiótica peirciana, para analisar e conhecer melhor, portanto, apenas metodologicamente é que podemos supor a existência de um fenômeno sem o outro. Entretanto, esses fenômenos nunca aparecem dissociados, ou seja, os elementos de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade não podem existir completamente, independentemente um do outro. Afinal, uma categoria é definida em relação à outra.

Mais do que isso, é possível reparar que uma categoria compreende a outra e, assim, elas estabelecem uma relação de implicação. A Secundidade implica a Primeiridade, porque necessita dela para existir. Ao mesmo tempo, a Terceiridade implica a Secundidade e a Primeiridade, porque é por meio delas que ela se constitui.

Nesse sentido, mesmo num exercício metodológico e razoável, a Secundidade não pode ser admitida, sequer hipoteticamente, sem um elemento de Primeiridade, pois é ele quem dá substância àquela categoria. No mesmo raciocínio, a Terceiridade não pode ser suposta sem um elemento de Secundidade e, portanto, também de um elemento de Primeiridade. Já a Primeiridade pode ser admitida e, dessa vez, apenas hipoteticamente, sem a Secundidade e sem a Terceiridade, pois ela não necessita de nenhuma delas para ser conceituada.

5. Pensar e Existir

O reconhecimento de um ser que *existe* depende da existência ou da admissão hipotética de existência de outro ser. Somente quando um ser é colocado lado a lado com outro, ou seja, por meio do confronto entre dois ou mais seres, que eles se caracterizam por oposição ou comparação e, assim, se definem.

Esse exercício de comparação ou de oposição que dá origem ao reconhecimento de uma existência é realizado pela mente, conforme podemos observar. Isto é, comparar é observar e, então, processar mentalmente distinções ou semelhanças. Nessa perspectiva, o reconhecimento de uma existência está associado à ação do pensamento.

Para Peirce, o pensamento faz parte da Terceiridade porque ele é um terceiro elemento que se conecta a um elemento de Secundidade e a outro elemento de Primeiridade (NÖTH, 2008).



6. Equação para Concluir

Com o que foi exposto até aqui, podemos efetuar uma equação simples. O primeiro fator dessa equação diz respeito ao posicionamento do pensamento dentro da categoria de Terceiridade⁷. O segundo fator é reconhecer a *existência* como um fenômeno de Secundidade.

Para equacionar esses dois fatores, é necessário levar em conta os princípios anteriormente destramados que constituem a interdependência entre as categorias. Vamos esboçar um raciocínio. Para tanto, vamos elaborar algumas proposições com fundamento no que abordamos até então:

1ª proposição: A Primeiridade não compreende nada além si mesma. Ela não necessita de outro elemento para se definir. Portanto, ela não implica nenhuma outra categoria.

2ª proposição: A Secundidade necessita da Primeiridade para se definir. Portanto, um elemento segundo compreende um elemento primeiro.

3ª proposição: A Terceiridade necessita da relação entre dois elementos e, portanto, um elemento de Terceiridade contém dentro de si, um elemento de secundidade e outro de Primeiridade.

Com base nesses princípios e considerando os fatores indicados, podemos realizar um raciocínio lógico. Se a Terceiridade é a categoria do pensamento e a Secundidade é a categoria da existência, logo, o pensamento implica a existência. Nesse sentido, pensar é identificar qualidades distintivas em ocorrências reais. O pensamento é resultado da ação de parar e observar para estabelecer comparação. Esta só é possível entre seres que existem e se limitam. É óbvio, então, que essa equação seja resumida por Descartes por meio da frase “Penso, logo existo”.

Referências Bibliográficas

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 2002.

⁷ Para entender melhor esse posicionamento, é necessário realizar outras leituras. Algumas delas estão indicadas no final deste documento.



NETTO, JOSÉ TEIXEIRA COELHO. **Semiótica, Informação e Comunicação**, 7ª Ed. São Paulo; Perspectiva, 2007.

NÖTH, WINFRIED. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce, 4ª Ed. São Paulo: Annablume, 2008

SANTAELLA, LÚCIA. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. São Paulo. Martins Fontes, 2000